

ARQUEOTURISMO EM SÍTIOS PRÉ - COLONIAIS E HISTÓRICOS MISSIONEIRO: PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM SÃO BORJA

Viviane Pouey Vidal¹
Carmen Regina Dornelles Nogueira²

RESUMO: A cidade de São Borja possui um importante potencial turístico com destaque para o patrimônio arqueológico representado por sítios com ocupações indígenas pré-coloniais e históricas missionárias. Entretanto, apesar das longas décadas de dedicação dos pesquisadores locais pelo reconhecimento do patrimônio cultural do município apenas no mês de julho de 2018, o importante Sítio Arqueológico da Redução Jesuítica de San Francisco de Borja foi registrado no IPHAN. O atual reconhecimento do sítio arqueológico irá potencializar o arqueoturismo e a valorização do patrimônio arqueológico missionário como já ocorre na cidade de Santo Ângelo. A pesquisa foi desenvolvida com base em revisão bibliográfica na literatura especializada e visitação aos sítios arqueológicos locais. Os dados reunidos permitiram debater sobre a emergente necessidade de formação de arqueólogos(as) e guias de turismo capacitados, bem como melhorias na infraestrutura do município para receber os visitantes e assim fomentar o desenvolvimento sustentável.

Palavras chaves: Patrimônio, São Borja, Missões Jesuíticas, Arqueoturismo.

ABSTRACT: The city of São Borja has an important tourist potential, with an emphasis on the archaeological heritage represented by sites with pre-colonial indigenous occupations and historical missionaries. However, in spite of the long decades of dedication of the local researchers for the recognition of the cultural patrimony of the municipality only in the month of July of 2018, the important Archaeological Site of the Jesuitical Reduction of San Francisco de Borja was registered in the IPHAN. The current recognition of the archaeological site will potentiate the archaeological tourism and the valorization of the archaeological missionary patrimony as already occurs in the city of Santo Ângelo. The research was developed based on bibliographical revision in the specialized literature and visitation to the local archaeological sites. The gathered data allowed to discuss the emerging need for training of archaeologists and trained tour guides as well as improvements in the infrastructure of the municipality to receive visitors and thus foster sustainable development.

Keywords: Patrimony, São Borja, Jesuit Missions, Archaeotourism.

1 INTRODUÇÃO

Na segunda metade do séc. XX, o turismo surge como atividade econômica obtendo expansão em diversos países do mundo. Isto deve-se ao desenvolvimento nas

¹ Doutora em Arqueologia pela UNICEN - Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires - Argentina. Arqueóloga consultora em licenciamentos ambientais. E-mail: vivianepoueyvidal@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja. Coordenadora do Curso Geografia Licenciatura – EAD – UNIPAMPA/UAB - carmennogueira@unipampa.edu.br

áreas de comunicação e transportes, o que possibilitou uma maior mobilidade humana (VELOSO E CAVALCANTI, 2007; SOUZA, 2012). Na década de 1970 a atividade turística já era representada por um fenômeno em massa, estimulada pelos meios de comunicação e publicidade. Nesse sentido, o turismo caracterizou-se pela priorização da sua dimensão econômica, pela padronização dos atrativos e pelo direcionamento de um grande fluxo de pessoas a localidades específicas.

Entretanto, a exploração turística intensiva sem prévio planejamento resultou no declínio de localidades como destinos procurados, quanto aos impactos negativos ambientais, culturais e sociais. Neste contexto, o Brasil procurou investir na infraestrutura de cidades litorâneas e suas praias as quais se consolidaram como principal atrativo turístico do país (ALMEIDA, 2009; SOUZA, 2012). Em relação ao turismo arqueológico é possível mencionar que a visitação aos sítios arqueológicos no Brasil já ocorria antes do final do séc. XX. Esta afirmação é corroborada pelos registros escritos dos turistas, suas assinaturas e datas das visitas nas paredes rochosas dos sítios com arte rupestre. Contudo, o turismo arqueológico no Brasil só começou a ser pensado e discutido no âmbito acadêmico a partir da década de 1980, período no qual foram intensificadas as pesquisas e as escavações arqueológicas no país.

Nesta perspectiva, as novas descobertas científicas - arqueológicas, as publicações e a consolidação da arqueologia como uma disciplina acadêmica, bem como a divulgação dos resultados das pesquisas possibilitaram a ampliação das iniciativas dedicadas ao turismo arqueológico e ao desenvolvimento sustentável de regiões do país. Neste viés, é necessário destacar que o conceito de turismo sustentável surge a partir de um desdobramento das discussões sobre turismo alternativo e desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, a OMT (2010:4) reconhece como sustentável o turismo (...) “ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais”. Exigindo a integração ao meio ambiente natural, cultural e humano, respeitando a fragilidade de muitas destinações turísticas (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010:4).

Neste contexto, a ampliação da atividades turística, estimulada pelo intenso fluxo de visitantes e a globalização determinou a busca por novos destinos, espaços e atrativos. Assim, surge a segmentação das áreas do turismo visando atender ao mercado em emergente crescimento e planejar a gestão das distintas áreas culturais do turismo.

Entre os distintos segmentos nos quais o turismo foi dividido, o Turismo Arqueológico foi caracterizado como turismo cultural. De acordo com o Ministério do Turismo (2010) este *“segmento pode tornar-se um aliado no desenvolvimento de localidades e atrativos turísticos que atendem essa demanda, que relaciona-se especificamente com o Turismo Cultural, devido seus aspectos de caráter histórico-cultural”* (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010: 23).

Neste contexto do turismo arqueológico sustentável busca-se inserir a cidade de São Borja, contextualizando a sua história indígena pré-colonial e missioneira. Destaca-se que o atual município foi a primeira das sete reduções jesuíticas construídas na região noroeste do atual território do Rio Grande do Sul, no segundo ciclo missioneiro. No processo de colonização do Brasil o catolicismo esteve amplamente presente e foram os jesuítas que difundiram a fé cristã catequizando etnias indígenas. As missões foram um exemplo das práticas religiosas, sendo formadas com o objetivo de converter os nativos da América portuguesa ao catolicismo. Durante o período colonial, portugueses e espanhóis disputavam áreas de influências para praticarem seus objetivos políticos ou religiosos. Também ocorreram divergências entre os religiosos e os latifundiários de São Paulo, Rio de Janeiro, Assunção e Buenos Aires, pois enquanto os padres desejavam converter os indígenas na esfera religiosa, os latifundiários queriam utilizá-los no trabalho escravo (KERN & JACKSON, 2006:252).

Contudo, apesar das disputas de interesses, as Missões Jesuítico-Guarani prosperaram na região centro-sul da América Latina onde foram implantados mais de trinta povos sendo que destes, sete no atual território do Rio Grande do Sul, os chamados “Sete Povos das Missões”. As missões foram idealizadas e construídas pelos espanhóis sendo representadas por sete reduções: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo. Enfatizando, ainda que os prováveis motivos da criação das sete reduções no Sul do Brasil tenham sido resultantes da disputa territorial entre a coroa espanhola e a portuguesa, em que os primeiros visavam assegurar essas terras perante os lusitanos e, assim, incentivavam o processo de ocupação pelos padres espanhóis (KERN, 1998).

A redução de São Francisco de Borja, originária da Redução de São Tomé foi construída em 1682, fundada pelo padre Francisco Garcia. Em 1707, essa redução já contava com 2.814 habitantes e posteriormente deu origem à cidade de São Francisco de

Borja. As divergências das políticas entre Portugal e Espanha resultaram no declínio dessas reduções, principalmente após o Tratado de Madri, de 1750, em que as reduções do Sul do Brasil ficaram com os portugueses em troca da Colônia do Sacramento para os espanhóis. Mesmo assim as disputas continuaram entre padres e indígenas que não queriam abandonar suas reduções de origem e se deslocarem para outras regiões (KERN, 1998; 2006).

Nesse sentido, a cidade de São Borja é considerada um Sítio Arqueológico a céu aberto³, sendo que o atual município formou-se sobre as estruturas da Redução Missioneira. Especificamente no local onde foi construída a Igreja, a Praça da Matriz e seu entorno, havia nos Séculos XVII e XVIII toda a estrutura de uma Redução Jesuítica. O atual município com cerca de 60 mil habitantes; também destaca-se pela sua potencialidade turística através da sua totalidade de museus, “chegam a seis: (Museu João Goulart, Getúlio Vargas, da Fazenda do Itú, Guerra do Paraguai, Ergológico de Estância – Os Angueras e museu municipal Aparício Silva Rillo – Missioneiro” (PINTO, 2010). Sendo viável destacar que inúmeros artefatos arqueológicos pré-coloniais e missioneiros, bem como as estatuarias jesuíticas estão salvaguardadas nos museus locais.

Destaca-se ainda que a cidade de São Borja-RS possui uma ampla quantidade de tipologias patrimoniais. Em relação ao conjunto arquitetônico urbano, o local possui imóveis com alto valor arquitetônico e histórico. No perímetro central, destacam-se imóveis pertencentes à classe estancieira e aos ex-presidentes. Entre esses exemplares, identificam-se construções ecléticas (pertencentes aos estancieiros), Art Decó (antiga residência de Getúlio Vargas, hoje museu que leva seu nome).

Atualmente o município conta com a presença da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA que já possui o curso de licenciatura e Ciências Humanas, formando professores / pesquisadores nas quatro áreas do conhecimento que dialogam entre si, História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Entre as componentes curriculares do curso destacam-se as dedicadas ao Estudo do Patrimônio Histórico Cultural e a Educação Patrimonial nas Escolas, bem como os cursos de formação continuada em Educação Patrimonial incentivando a difusão do conhecimento sobre a história, a cultura e patrimônio histórico e arqueológico do município.

³ O Sítio Arqueológico da Redução Jesuítica São Francisco de Borja foi registrado pelo IPHAN (2018).

A universidade já possui um PPC - Projeto Político Pedagógico de Curso de Bacharelado em Arqueologia, elaborado e aprovado como propostas de novos cursos em 2016. Atualmente a proposta está sendo debatida na comissão de ensino da instituição e aguarda os tramites legais. Sendo viável mencionar que a implantação do curso de arqueologia, o qual foi estruturado a nível macro e microrregional com componentes curriculares que enfatizam os estudos missioneiros e pré-coloniais, potencializando os patrimônios existentes nas região das missões e fronteira oeste será imprescindível para a formação de profissionais capacitados a trabalhar com arqueoturismo a nível regional e nacional.

Em relação ao Turismo Arqueológico sustentável destaca-se a importância da UNIPAMPA permanecer em constante diálogo interdisciplinar com o curso Superior Tecnológico em Turismo do IFF - Instituto Federal Farroupilha, o IPHAN e a Prefeitura Municipal parceria cultural que vem obtendo resultados construtivos no município. Nesse sentido, a aprovação do curso de Bacharelado em Arqueologia no campus São Borja será imprescindível para a formação de arqueólogos(as) que dialoguem constantemente com a perspectiva do turismo arqueológico sustentável aproveitando o potencial dos sítios pré-coloniais e missioneiros situados na região, dos museus, da música, da culinária missioneira e demais atrativos culturais que o município oferece.

Nesta perspectiva, dentre os elementos significativos para a atratividade turística pode-se dizer que o conhecimento das diferenças culturais existentes entre os povos constitui-se numa das mais importantes motivações das viagens turísticas. Desse modo, por envolver a apreciação do patrimônio histórico, o turismo cultural poderá contribuir para a proteção e manutenção dos bens culturais das comunidades através do aumento da autoestima do residente e do aumento da consciência do visitante que busca conhecer as características singulares de outros povos, promovendo ampla apreciação cultural (NOGUEIRA & BURKHARD, 2008:3).

2 BREVE HISTÓRICO DAS INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS PIONEIRAS NO RIO GRANDE DO SUL

As investigações arqueológicas no Estado do Rio Grande do Sul iniciaram seu legado científico a partir do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas

(PRONAPA) desenvolvido sob a coordenação dos arqueólogos norte-americanos Betty Meggers y Clifford Evans entre 1960 e 1970. O PRONAPA contribuiu para a formação e de uma tradição arqueológica brasileira e nos últimos anos a memória deste programa de pesquisas foi mantida, sendo objeto de críticas e releituras por parte de uma nova geração de arqueólogos em busca de delimitar fronteiras entre ideias, ocupar espaços de atuação e definir novas agendas (HILBERT, 2007).

Os principais objetivos do programa consistiram em: elaborar sequências culturais capazes de oferecer um “conhecimento definitivo das direções de influências, migração e difusão e gerar um entendimento de processo através dos quais os sucessivos grupos com distintos padrões de subsistência se adaptaram a diversidade de condições ambientais do Brasil” (Evans, 1967: 9). Para atingir o primeiro objetivo as ferramentas metodológicas utilizadas para análises dos materiais foram adotadas do histórico - culturalismo de origem estadunidense. Neste caso, os conceitos de fase e tradição, amplamente utilizados na arqueologia norte-americana antes da década de 1960 (WILLEY, 1971) foram empregados como unidades básicas para a ordenação dos contextos arqueológicos detectados no sul do Brasil (DIAS, 1995).

As metodologias utilizadas no PRONAPA demonstram que as unidades - fase foram definidas como “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios”. Ainda que tradição se referia a um grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal” (CHMYZ, 1966: 14). Com base nestas unidades, os artefatos líticos foram associados por semelhanças tipológicas as quais deveriam representar diferentes padrões de assentamentos. Os fragmentos cerâmicos foram classificados através do método quantitativo proposto por Ford (1962) para a construção de sequências seriadas. Deste modo, cada sequência seriada representa uma fase arqueológica ou cultura, que estaria caracterizada por tipologias específicas de artefatos, padrões de assentamento e enterro (CHMYZ, 1966: 20).

O segundo objetivo deste programa de pesquisa visou explicar as relações entre os diferentes padrões de subsistência e a diversidade ambiental, com base na perspectiva da “ecologia cultural” (Steward, 1949). Sendo este um viés menos desenvolvido no programa, porém demonstra a formação acadêmica de Meggers e os antecedentes de suas pesquisas na Amazônia. Neste sentido, artigos como “*Brazilian prehistory cannot*

be understood apart from the characteristics of the environment”, ficaram paralisados na tentativa de relacionar os distintos complexos arqueológicos a amplos quadros ambientais (DIAS,1995).

O PRONAPA foi finalizado em 1970, porém como colaborou amplamente com a formação e constituição de uma tradição de pesquisadores, as suas orientações teóricas - metodológicas perduraram ao longo das próximas duas décadas. Os pesquisadores que participaram direta ou indiretamente das atividades deste programa que estavam vinculadas as instituições acadêmicas e a órgãos de pesquisas arqueológicas foram os responsáveis pela manutenção do enfoque teórico-metodológico aplicado durante a década de 1960. Neste caso, as posturas interpretativas e as ênfases de estudos continuaram vivas nas agendas dos profissionais dedicados a organizar suas descobertas segundo as orientações propostas pelo PRONAPA (HILBERT, 2007; ANGRISANI, 2011).

2.1 Pesquisas Arqueológicas na Região Sudoeste: Ocupações Caçadoras - Coletoras

As investigações arqueológicas iniciais na região sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, também foram desenvolvidas durante os programas de investigação PRONAPA (1965-1970) e PROPA (1972-1978). O interesse de E. Miller pelo estudo dos sítios arqueológicos do Pleistoceno final-Holoceno temprano surgiu a partir da descoberta do sítio RS-I-50: Lajeado dos Fósseis, em 1968. Os dados obtidos neste sítio permitiram a Miller elaborar o Programa de Investigações Paleoindígenas - PROPA.

Os sítios localizados neste programa foram estudados através do conceito de fases e tradições arqueológicas, as quais foram determinadas com base nas semelhanças tipológicas dos artefatos (DIAS, 2003, 2007). A fase arqueológica paleoindígena Ibicuí está representada por três sítios a céu aberto associados às barrancas de afluentes dos rios Ibicuí e Quaraí: 1) RS-I-50: Lajeado dos Fósseis, 2) RS-Q-2: Passo da Cruz 2 e 3) RS-I-107. Os conjuntos de evidências desta fase correspondem a 46 peças líticas para o total dos sítios, concebidas por lascas unipolares sem alteração ou com retoques aleatórios, tipo choppers, raspadores “toscos” e conjuntos de seixos, lascas sem evidência de uso, talhadores, além dos demais testemunhos fósseis, animais e vegetais. Esta fase possui apenas uma datação direta de 12.770 ± 220 anos 14C AP (SI-801) para o sítio RS-I-50: Lajeado dos Fósseis, realizada a partir de um crânio de *Glossotherium myloides* (MILLER, 1987).

Contudo, os trabalhos arqueológicos realizados no sítio restringiram-se apenas à coleta de evidências líticas em superfície e a uma pequena sondagem na área onde foi encontrado o fóssil. Neste caso, Miller (1987) já enfatizava a necessidade de novas pesquisas para a compreensão dos sítios “faltam escavações de vulto para com base em algumas centenas de artefatos, poder-se determinar definitivamente a filiação da Fase Ibicuí à tradição paleoindígena com ou sem pontas de projétil” (MILLER, 1987:48).

Os dois sítios restantes da fase Ibicuí foram datados de forma indireta e apresentam condições sedimentares semelhantes, relacionados a depósitos descontínuos de materiais líticos e fossilíferos, provavelmente também resultantes de processos tafonômicos e arraste fluvial. O sítio RS-Q-2: Passo da Cruz 2, situado às margens da Sanga do Salso, afluente do rio Quaraí, recebeu uma datação indireta de 12.690±100 anos 14C AP (SI-2351) realizada sobre restos vegetais carbonizados, sem associação cultural, em um local situado a 4,5 km de distância e registrado com a sigla RS-Q-2B: Sanga do Salso. Ainda há referências na literatura sobre a fase Ibicuí a uma datação de 11.010±190 anos 14C AP (SI-9628), porém está relacionada aos estudos paleoclimáticos desenvolvidos na área por Bombim (1976). Esta última datação foi realizada a partir de um tronco carbonizado, sem associação cultural, objetivando situar cronologicamente a Formação Sedimentar Touro Passo, na qual estão relacionados os prováveis sítios arqueológicos desta fase (BOMBIN, 1976; BOMBIN & BRYAN, 1978; MILDER, 2000).

Em relação à coleção lítica registrada para os sítios da fase Ibicuí foram identificados para o sítio RS-Q-2: Passo da Cruz 2 um conjunto com 132 peças, entre estas 7 pontas de projétil pedunculadas, com características similares aos materiais da fase Uruguai, entrando em contradição com os dados publicados por Miller (1987). Para o sítio RS-I-107, não foi encontrado o registro ou acervo no MARSUL, depositário das coleções do PROPA (Milder, 1994, 1995). Neste caso, Milder (1995) após analisar os dados reunidos sobre os referidos sítios paleoíndigenas afirma que a inconsistência dos dados estratigráficos resultantes de processos erosivos, a dubiedade dos métodos de datação, e as características dos conjuntos líticos próprias de arrastes fluviais, indicam fenômenos de redeposição natural. Assim a fase Ibicuí esvazia-se de sentido em suas contradições internas (MILDER, 1994, 1995, DIAS & JACOBUS, 2003).

A documentação referente às pesquisas de campo na região sudoeste do Estado disponível no MARSUL também foi analisada por Dias & Jacobus (2003). Ao revisarem os dados os autores observam que entre os 21 sítios considerados por Miller (1985), como pertencentes a esta fase, 11 (52%) não apresentam material arqueológico identificado no acervo da Instituição, sendo que quatro destes apresentam apenas amostras carvão datadas, provavelmente de origem natural. Destacando-se a datação mais antiga da fase, de 11.555±230 AP (SI-3750) relacionada ao sítio RS-IJ-68: Garruchos⁴, sem associação com material arqueológico. Dos 10 sítios restantes, sete sofreram pequenas intervenções, representados por uma ou duas sondagens e para quatro destes foram obtidas sete datações com valores entre 9.855±130 (SI-3749) e 8.585±115 AP (SI-2636) (sítios RS-I-67: Touro Passo 1, RS-I-70: Imbaá 1, RS-I-72: Palmito 2 e RS-IJ-67: Pessegueiro). Nos demais sítios ocorreram apenas coleta de superfície (RS-Q-7: Passo da Revolta) e em dois foram realizadas escavações de maior porte (RS-I-69: Laranjito e RS-I-66: Milton Almeida).⁵ (DIAS & JACOBUS, 2003; VIDAL, 2016).

A análise dos contextos arqueológicos mencionados demonstra que a fase Uruguai está representada, por 10 sítios, destes seis possuem uma cronologia concretamente associada a 12 datações entre (10.810 e 8.585 anos AP). Além disso, sugere-se que "as sequências de ocupação caçadora - coletora da área, iniciadas neste período, apresentariam continuidade com a denominada fase Itaqui, associada à Tradição Umbu" (DIAS & JACOBUS, 2003).

As pesquisas nos sítios arqueológicos inseridos na transição Pleistoceno - Holoceno na localidade Touro Passo, município de Uruguaiana foram retomadas por Vidal (2010 / 2018), a autora realizou novos estudos com o enfoque geoarqueológico. Os atuais estudos geoarqueológicos realizados nos sítios associados a Fm. Touro Passo, possibilitaram compreender a sequência estratigráfica e os distintos processos de formação e perturbação pós-depositacional ocorridos nos sítios arqueológicos em ambientes fluviais. Neste caso, foi realizado o reconhecimento das unidades estratigráficas na escavação arqueológica no sítio RS-I-69: Laranjito e das identificadas nos perfis registrados nas barrancas e nas sondagens, efetuadas nos sítios selecionados

⁴ Zona rural, antigo distrito do município de São Borja, emancipado em 1992.

⁵ Ambos situados na localidade Touro Passo em Uruguaiana/RS.

para o estudo geoarqueológico intensivo. Em conjunto, foram realizadas análises sedimentares e geoquímicas que aportaram dados como textura, matéria orgânica, Ph, Fe, Pho (VIDAL, 2018).

Ao longo das pesquisas também foram obtidas novas cronologias para o sítio arqueológico Barranca Grande, que a nível local contribuíram amplamente para a compreensão do processo de ocupação caçadora-coletora inicial durante a transição Pleistoceno-Holoceno no conjunto de sítios, associados a Fm. Touro Passo, município de Uruguaiana/RS (VIDAL, 2018). A nível regional, as novas cronologias obtidas são similares as registradas para os sítios tempranos investigados no Uruguay, país vizinho, onde o processo de ocupação humana inicial durante a transição Pleistoceno-Holoceno é posicionado cronologicamente a cerca de 10.400 anos C^{14} AP (CASTIÑEIRA, 2008; SUÁREZ, 2011).

Na zona rural de São Borja, localidade de Garruchos, atualmente emancipada do município, como supracitado foi registrado o sítio paleoindígena: RS-IJ-68: Garruchos com uma cronologia que situa a ocupação humana na região entre 11.555±230 AP (SI-3750) (MILLER, 1987). No entanto, destaca-se que os estudos neste sítio devem ser retomados, considerando que a cronologia não apresentou associação com material cultural. Sendo este um objetivo primordial do projeto paleoindígena PATRIOESTE, que visa (Re) localizar os sítios registrados pelo PRONAPA, bem como evidenciar e estudar nos sítios pré-coloniais nos municípios de São Borja, Itaqui e Quaraí (VIDAL, 2018).

Ainda no município de São Borja, uma equipe de pesquisadores da UFSM (LEPA), coordenada pelo arqueólogo Saul Eduardo Milder (2004) realizou escavações arqueológicas, em dois Cerritos situado no Banhado do M'Bororé registrados, como: Butuy 1 e Butuy 2. A pesquisa visou compreender as construções e sua finalidade no contexto indígena pampeano. Os cerritos são representado por montículos artificiais (formados por acúmulo de material orgânico, terra, lítico, cerâmica e ossos) geralmente encontrados em terrenos baixos e alagadiços sendo facilmente perceptíveis no terreno. *“Sua construção é, muitas vezes, atribuída aos grupos caçadores-coletores, denominados Charruas e Minuanos”* (QUINTANA; et.al, 2006:2)

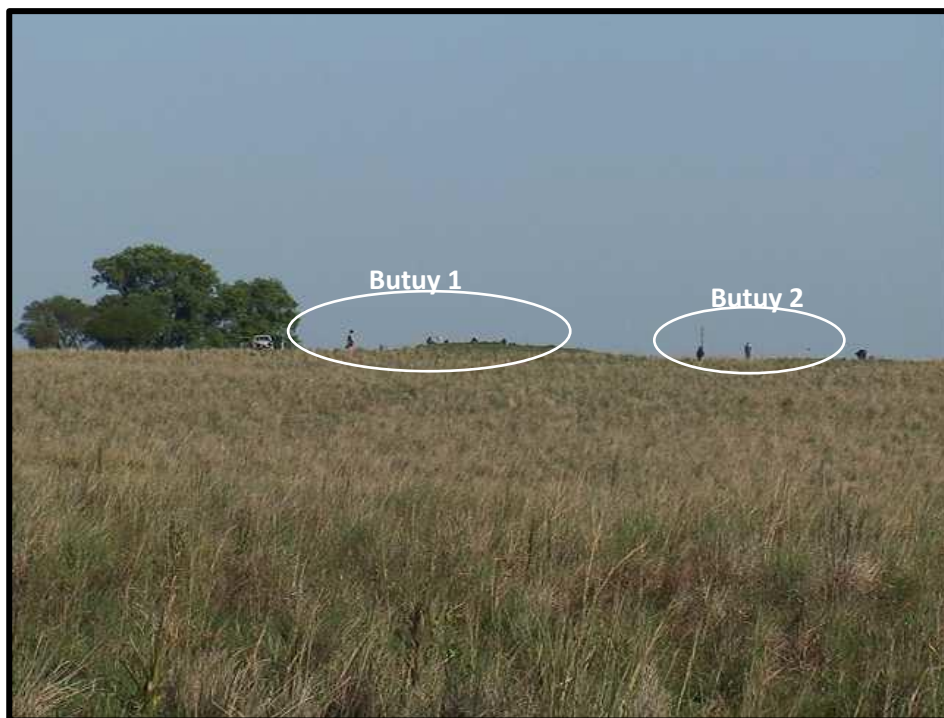


Figura 1: Vista dos cerritos escavados Butuy 1 e 2. Fonte: Acervo LEPA - retirado de Quintana (2010).

No Rio Grande do Sul os Charrua e Minuano estão associados, a tradição arqueológica Umbu. Esta tradição arqueológica foi denominada pelo arqueólogo Eurico Miller (1961), a partir das escavações do sítio RS-LN-01: Cerrito Dalpiaz, abrigo-sobrocha, localizado na encosta nordeste inferior da serra do Umbu. Miller (1966-67) explica que o período caracterizado como fase Umbu é o único que produziu artefatos em número suficiente para permitir uma designação cultural. “[...] inicialmente com alta frequência de bolas de boleadeiras, pontas lanceoladas, pontas triangulares com entalhe basal, pontas grandes com aletas e pedúnculo, aparecem no final do período” (MILLER, 1966 -1967; VIDAL, 2009).

Nos Cerritos (Butuy 1 e 2) escavados no município de São Borja foi resgatada uma coleção composta por 9.366 peças arqueológicas. Os materiais predominantes são lascas e microlascas. Segundo Quintana (et.al. 2006), os núcleos são todos esgotados em menor quantidade, foi encontrado apenas um fragmento de cerâmica da Tradição Vieira no cerrito Butuy 2. A autora destaca que ao longo das prospecções na região foi encontrada uma ampla diversidade de materiais, com características distintas dos coletados nas escavações nos cerritos Butuy 1 e 2. Também foram evidenciadas bolas de boleadeiras, porém a maioria é originária de doações realizadas por moradores locais,

bem como, pontas de projétil, fragmentos de cerâmica pertencente à Tradição Vieira. “Além de dois fragmentos de ossos humanos, provavelmente provenientes de enterramentos” (QUINTANA et.al. 2006: 2).

2.2 Os Ceramistas Guarani Pré-Coloniais

No Rio Grande do Sul as inúmeras pesquisas arqueológicas realizadas identificaram uma conexão inegável entre os Guarani históricos e os reconstruídos através da arqueologia pré-colonial. De acordo com Kern (1992) esta conexão é identificada a partir do primeiro período missionário espanhol (1626-1636), sendo estudadas várias missões, três delas foram: Jesus Maria no município de Candelária, São Miguel no município de São Pedro do Sul e Candelária do Caazapámini no Município de São Luiz Gonzaga. Para Schmitz (2006) no grupo guarani não é fácil, nem interessante separar os dados históricos dos arqueológicos, devido à sua íntima conexão, mas será preciso manejá-los simultaneamente, buscando uma antropologia e uma história dos agricultores do mato em todas as etapas da sua evolução. De certa forma todas são hoje arqueológicas. (SCHMITZ, 2006).

Durante a colonização europeia no Rio Grande do Sul, de acordo com os relatos do missionário Montoya (1876, 1892) nos quais se encontram as maiores fontes de informações sobre os Guarani históricos, cerca de 200.000 pessoas falariam a língua guarani. As ocupações guarani estavam distribuídas por todas as áreas de mata subtropical, que se estende ao longo do rio Uruguai e seus afluentes, do rio Jacuí e seus tributários, da costa marítima e suas lagoas. Na região norte estabeleciam fronteira com os grupos genericamente denominados Guaianá, ocupantes das matas com pinheiros, acima dos 300m de altitude, e ao sul tinham como vizinhos Charrua e Minuano, ocupantes das áreas abertas no campo (MONTROYA, 1876; KERN, 1992; SCHMITZ, 2006:32).

Com base na sua economia e cultura os Guarani foram usualmente denominados pelos antropólogos como “horticultores de floresta tropical”, como existe ainda hoje na [Amazônia. Sua economia baseava-se em pequenas roças ou hortas, abertas nas matas através de “queimadas”. Não tinham animais domésticos, o que os obrigava a conseguir as proteínas através da caça, da pesca e da coleta. Os indígenas viviam concentrados em aldeias de casas coletivas, construídas com troncos e palha, numa clareira da mata.

Eram consideradas aldeias pequenas as que tivessem de 200 a 300 habitantes, mas não sabemos qual seria o critério para considerar uma aldeia “grande”; certamente não mais que mil (KERN, 1992; SOARES, 1997; VIDAL, 2018).

A população possuía os seus líderes locais, convencionalmente chamados “caciques”. A maior parte dirigia um pequeno grupo de famílias, geralmente aparentadas, que se concentravam dentro de uma casa, mas alguns exerciam influências mais amplas e conseguiam adesão de líderes espalhados sobre um território muito amplo. Os caciques eram representantes de uma “nobreza” tradicional, com tendência a manter a posição na mesma família e se casavam com mulheres pertencentes à mesma nobreza. Não precisariam trabalhar porque os seguidores os sustentavam. Tinham grande número de mulheres e muitos filhos, além de criadas (KERN, 1992; SOARES, 1997).

As maiores descobertas em sítios arqueológicos Guaraní estão associadas as cerâmicas. A cerâmica era confeccionada pelas mulheres, que utilizavam o barro naturalmente adequado ou acrescentariam areia, grânulos diversos ou cacos velhos bem triturados ao barro excessivamente plástico. Os recipientes cerâmicos com distintas formas e tamanhos eram necessários para as atividades domésticas, como: a fermentação e conservação de bebidas para as festas coletivas exigiam grandes talhas de pescoço estreitado, que podiam atingir 1 metro de bojo e altura; para cozinhar eram mais úteis panelas de boca expandida que podiam alcançar até 30 cm de bojo; e para servir alimentos e bebidas havia necessidade de um grande número de pequenas tigelas (BROCHADO, 1969; SOARES, 1997; SCHMITZ, 2006).

Nos municípios de São Borja, Itaqui, Alegrete e Uruguai é comum os moradores locais, bem como os pescadores encontrarem artefatos líticos e fragmentos cerâmicos nas proximidades do rio Uruguai e seus afluentes. Nesse sentido, a maioria das coleções cerâmicas presentes nos museus locais são procedentes de doações dos pescadores e da comunidade em geral. Em São Borja, cidade missioneira com ampla ocupação Guaraní, em especial já foram encontrados inúmeros fragmentos cerâmicos nas zonas rurais, próximas ao rio Uruguai, os quais comprovam arqueologicamente a presença da etnia Guaraní na região durante o período pré-colonial, em áreas de matas de galerias e planícies de inundação.

Neste contexto, é viável mencionar as pesquisas arqueológicas realizadas durante as obras de infraestrutura do Complexo Hidrelétrico Garabi-Panambi, no município de Garruchos, cidade anexa à São Borja. Atualmente, Garruchos comporta as conversoras Garabi I e Garabi II que integram um sistema existente entre Brasil e Argentina destinado a transmitir energia elétrica entre os dois países. Em 2008 quando as obras foram retomadas foram realizados os Estudos de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), englobando os estudos arqueológicos (IBAMA, 2014). O laudo registrou diversos sítios pré-coloniais associados a grupos caçadores-coletores e ceramistas guarani. A coleção arqueológica resgatada é composta por artefatos indígenas, como pontas de flechas, boleadeiras, talhadores, fragmentos da cerâmica guarani, entre outros. Após o registro e análise técnica a coleção foi doada ao museu local Apparício Silva Rillo no município de São Borja corroborando as discussões sobre as ocupações humanas pré-coloniais na região⁶.

Sendo viável supracitar que a paisagem geográfica da atual região da fronteira oeste, possui evidências arqueológicas, que situam cronologicamente o início da ocupação humana caçadora-coletores na área entre 10.800 ± 10.400 anos C¹⁴ AP (BOMBIN, 1976, MILDNER, 1986, VIDAL, 2018). Os recursos disponíveis na paisagem, bem como, o clima contribuíram para a sobrevivência dos grupos indígenas propiciando o acesso aos recursos líticos⁷, a coleta da argila para confecção da cerâmica Vieira, associada aos indígenas pampeanos (Charrua e Minuano) e a cerâmica Guarani pertencente a etnia homônima. Além dos recursos básicos para a sobrevivência dos grupos caçadores-coletores e ceramistas, como a água, a coleta de frutos, a pesca e a caça, entre outros.

3 A MISSÃO JESUÍTICA DE SÃO BORJA

Segundo Pinto & Nogueira (2007) a história da Antiga Redução de São Francisco de Borja, atual município de São Borja, sempre teve uma conjuntura marcada por repetidas lutas. Destaca-se que a sua própria situação geográfica, situada à margem esquerda do Rio Uruguai, propiciou ativamente todas as relações com os países platinos, pois faz fronteira com a cidade argentina de Santo Tomé, e teve suas origens por volta de 1682, abrigo um contingente populacional de origem indígena.

⁶ Informações disponíveis: <http://www.saoborja.rs.gov.br/index.php>.

⁷ Ampla disponibilidade de afloramentos rochosos, matéria prima para a manufatura de instrumentos e armas.

Os autores enfatizam que as inúmeras batalhas travadas pelas milícias são-borjenses, tanto na Guerra Guaranítica como na Guerra do Paraguai, somadas ao pleno desenvolvimento socioeconômico alcançado pela Redução Jesuítica-Guarani de São Francisco de Borja, despertaram interesse de inúmeros estudiosos europeus do século XIX a visitarem o local, como August Saint-Hilaire e Aimé Goujart (PINTO & NOGUEIRA, 2007:147-148). Nesta perspectiva Saint-Hilaire (1982) ao realizar uma análise da visibilidade de São Borja durante o Séc. XIX, enfatiza:

[...] É bem possível que tenha sido causado pelo impacto por todo o mundo civilizado ao ter notícia de que, por esta ou por aquela maneira, o tratado de Madri havia sido cumprido, finalmente. Mas a verdade é que a antiga Redução de São Francisco de Borja, a única que não fora destruída nem abandonada quando a Guerra Guaranítica, desde os albores do século XIX começou a receber a visita de cientistas de grande renome mundo europeus, sábios que percorreram suas missioneiras paragens no afã de completar estudos, até o ponto de fixar-se em seus limites, como foi o caso de Aimé Goujard, mais conhecido como Bompland. Muito provavelmente terá sido o resultante das atrevidas atitudes do pequeno grupo comandado por José Borges do Canto, Gabriel Ribeiro de Almeida e Manoel dos Santos Pedroso, o que fez com que tantos homens ilustres visitassem, ao longo de todo um século, entre as velhas destruídas reduções o antigo pueblo de San Francisco de Borja (SAIN-HILAIRE,1982).

Nesta perspectiva, devido a sua importância histórica, política e cultural a cidade de São Borja foi reconhecida em 10 de Outubro de 1992 pelo então Governador do Estado Alceu de Deus Collares, como cidade Histórica Do Estado do Rio Grande do Sul. Sendo imprescindível destacar que ao longo das últimas décadas, inúmeros esforços vem sendo dedicados por pesquisadores locais em busca de uma efetiva valorização do município como cidade histórica, arqueológica e turística. Entre as pesquisas, destacam-se importantes resultados apresentados em estudos de dissertações e teses. Além da dedicação dos autores, em busca do reconhecimento do Sítio Arqueológico Missioneiro de São Borja pelo IPHAN / Rio Grande do Sul (2018), bem como a organização de debates e projetos aliados a Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, o Instituto Federal Farroupilha - IFF e a Prefeitura Municipal.

Em relação ao Sítio Arqueológico da Redução Jesuítica de San Francisco de Borja registrado no CNSA e no IPHAN no mês de Junho de 2018, em função da vistoria técnica realizada pela equipe do IPHAN, em uma edificação no perímetro urbano, área demarcada como espaço missioneiro, que teve a obra de reforma embargada. O IPHAN foi solicitado devido a identificação de vestígios missioneiros durante a reforma do imóvel. Neste caso, específico blocos das rochas arenito e itacuru, originários da antiga Missão Jesuítica de São Borja, caracterizados como evidencias arqueológicas que

durante a construção do imóvel foram reutilizados como material construtivo (IPHAN, 2018). Como enfatiza a arqueóloga Raquel Rech (2018), que realizou o parecer técnico no imóvel, localizado na rua Cândido Falcão nº 1057:

[...] Atesto que a referida edificação tem valor arqueológico, pois evidência em parcialidades de sua construção - paredes espessas, alicerces com cantaria da época em arenito e itacuru, além de contra piso do cômodo já destruído o da estrutura já revolvido com entulho construtivo da época visível – a reutilização de vestígios construtivos missioneiros originais, porém no contexto do “Reaproveitamento” ocorrido no Séc. XIX na região (COTEC-IPHAN, 2018:4)⁸.

Arno Kern (2006) autor referência na arqueologia das Reduções Jesuíticas no Rio Grande do Sul ao referir-se ao espaço urbano jesuítico e sua organização, destaca que a cidade deve ser projetada, as ruas e os quarteirões de casas deverão ser traçadas ‘com régua e corda, caracterizando-se por serem inteiramente regulares e geométricas (KERN, 2006). Como menciona Custódio (2017) os jesuítas não possuíam, na Europa, experiência na construção de povoados, mas tradicionalmente repetiam um mesmo tipo de ocupação de quarteirões urbanos no qual construía sua igreja, a casa paroquial e uma escola. Estas edificações que geralmente eram estruturadas ao redor de pátios, cercados por galerias (CUSTODIO, 2017).

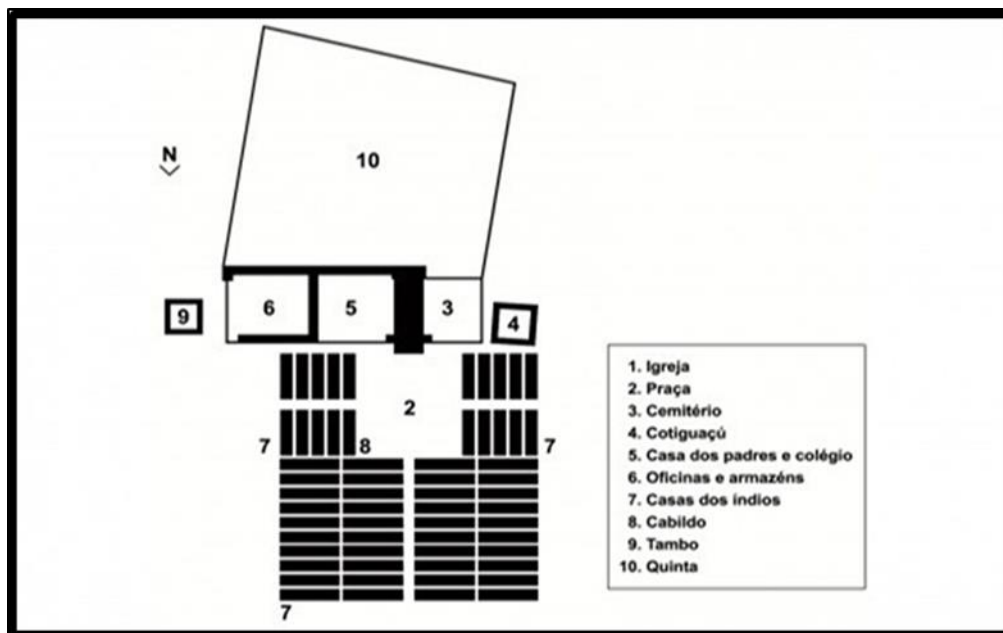


Figura: 2. Tipologia missioneira. Fonte: componentes, pesquisa de Luiz Antônio Custódio. Desenho: Bianca Custódio (2017).

⁸ Parecer Técnico do IPHAN 2018.

Segundo Custódio (2017) esse conjunto arquitetônico, adaptado a algumas necessidades funcionais específicas, também foi adotado nos assentamentos urbanos do sistema reducional. Desse modo, a organização espacial dos povoados de índios da Paracuaria foi resultado tanto das orientações gerais definidas pelas Leis das Índias:

(...) quanto pelo cumprimento da versão jesuítica dessas normas, proposta pelo seu primeiro provincial, o padre Diego de Torres Bollo, diretrizes que foram descritas pelo padre José Cardiel, nas quais os principais princípios a serem seguidos como a escolha do lugar, o parcelamento e a forma de ocupação do sítio, se repetiam (CUSTÓDIO, 2017:5).



Figura 3: Sobreposição de plantas. Utilização da malha da cidade atual sobre a planta da antiga Redução de São Borja elaborada por Manuel Joaquin Coelho (1816). Fonte: Bisonhin (2011).

Segundo Custodio (2017) as “*reduções se constituíram como novos espaços de relação social, os quais não foram exclusivos dos índios ou dos padres, mas integravam duas tradições*”. Na análise do autor, os primeiros assentamentos guardavam certa semelhança com as aldeias Guarani, compostas por um conjunto de moradias de fibras

vegetais dispostas no entorno de um espaço aberto. Neste destacava-se a nova casa de reza, a igreja, a casa de Deus, do novo Deus. No entanto, diferentemente da aldeia indígena neste novo espaço social não havia mais lugar para as práticas tradicionais dos xamãs, cujos papéis, nas reduções, foram assumidos pelos padres (CUSTÓDIO, 2017).

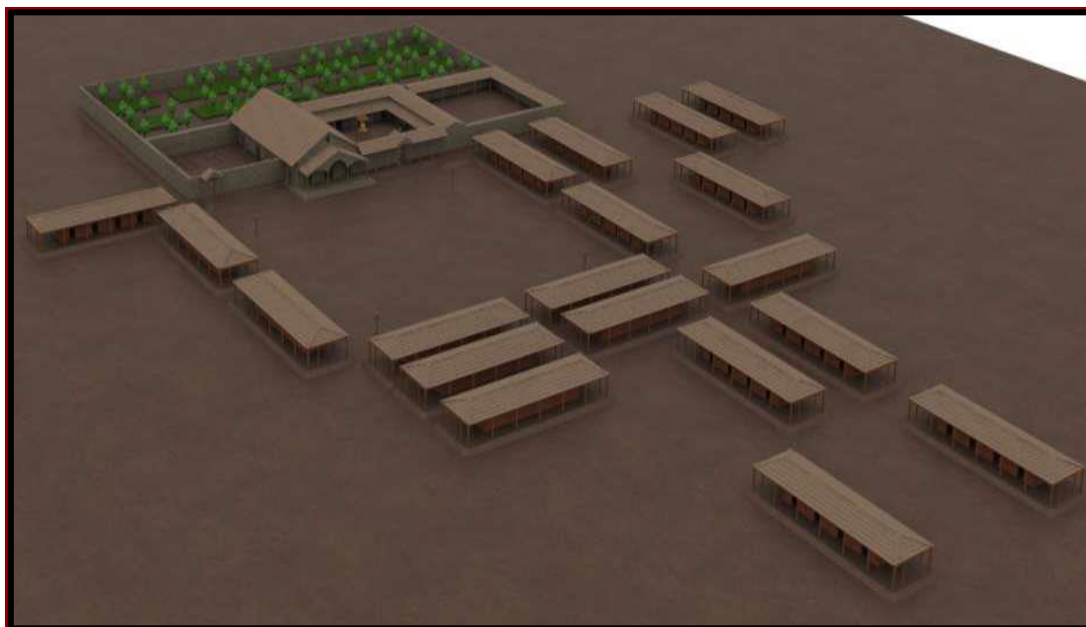


Figura: 4. Maquete Hipotética em 3D da Missão de San Francisco de Borja baseada na cartografia existente e nos relatos dos viajantes. Fonte: Bisonhin (2011).

É viável destacar que eram poucos os jesuítas que possuíam algum conhecimento de arquitetura e o processo de configuração urbana dos assentamentos foi se estruturando ao longo do tempo. Nesse contexto, foram adquiridas experiências e utilizadas referências bibliográficas trazidas pelos jesuítas, aliadas ao conhecimento dos indígenas em relação ao ambiente, os materiais disponíveis e suas formas tradicionais de construção (KERN, 1992/2006 CUSTÓDIO, 2017). Dessarte, consolidou-se a denominada tipologia urbana missioneira, ou seja, uma estrutura arquitetônica que se repetiu em todos os povoados da Paracuaria, apresentando pequenas variantes. Custódio (2017) ao longo de suas inúmeras pesquisas sobre os espaços arquitetônicos missioneiros elaborou esquemas gráficos com base em estruturas remanescentes e iconografias do período.

3.1 As Fontes Missioneiras de São Borja: Um Convite ao Turismo Arqueológico

Em relação ao patrimônio arqueológico missioneiro de São Borja, além do Sítio Arqueológico de Redução de San Francisco de Borja, recentemente registrado no

IPHAN (2018) é imprescindível destacar o potencial para o turismo arqueológico das Fontes originárias do período missioneiro denominadas, como: Fonte de “São João Batista”, situada na rua Bompland, S/nº. Bairro: Maria do Carmo da cidade e da “Fonte de São Pedro”, Félix da Cunha, nº 955. Bairro: Rodoviária. Entretanto, apesar do seu potencial arqueológico, cultural e turístico estes importantes patrimônios ainda não foram registrados como sítios arqueológicos e emergem por um efetivo reconhecimento pelos órgãos públicos, comunidade local, bem como pelo registro e tombamento no IPHAN.

Nesse sentido, é possível mencionar que o atual registro do Sítio Arqueológico da Missão de São Francisco de Borja pelo IPHAN despertou na prefeitura do município o interesse em restaurar a Fonte de “São Pedro”, iniciativa local que já ocorreu na última década, quando foi utilizada “uma camada de piche” no subsolo da fonte objetivando reduzir os sedimentos lodosos presentes. Neste caso, o patrimônio arqueológico sofreu um processo de depredação e descaracterização, devido à ausência de uma prévia avaliação da obra e de monitoramento arqueológico durante o restauro, processos que devem ser realizados por profissionais especializados durante todas as atividades realizadas em patrimônios históricos e arqueológicos. O atual projeto de restauro da Fonte de São Pedro visa melhorar os acessos ao local e implantar um pórtico de identificação da fonte, na entrada pela rua Félix da Cunha. Além de prever a limpeza geral da área entorno, revitalização e possíveis ampliações no santuário da fonte, que receberia uma imagem adequada de São Pedro, “à altura da sua importância”⁹. Neste caso, o secretário de cultura do município Sr. Ibero Rodrigues prevê o incentivo e o fortalecimento do turismo cultural e religioso em São Borja (DECOM, 2018).

⁹ Publicado: 17 de Setembro de 2018. DECOM –Prefeitura de São Borja.



Figura: 5. Fonte de São Pedro. Disponível em Fonte: <http://cibersaoborja.blogspot.com>.



Figura:6. Fonte de São João Batista. Disponível em Fonte: <http://cibersaoborja.blogspot.com>.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo da presente pesquisa foi possível identificar o potencial do município de São Borja para o desenvolvimento do arqueoturismo. Considerando que os grupos indígenas pré-coloniais estavam na região, ocupando os diversos ambientes e apresentando distintos padrões de adaptação a partir de tradições culturais pré-estabelecidas desde muitos séculos. Como mencionado, os primeiros grupos habitantes do atual município foram os caçadores-coletores-pescadores que se estabeleceram na região durante o período glacial.

Contudo, ao longo do período pós-glacial, nos últimos 10.000 A.P, estes grupos transformaram-se e diferenciaram-se culturalmente entre si, até os momentos que antecederam a colonização europeia. Sendo viável destacar que importantes processos de colonização e integração cultural já haviam ocorrido previamente a chegada dos europeus. Sendo as margens do Oceano Atlântico subtropical vias de acesso para as extensas migrações colonizadoras dos Guarani, que ocuparam áreas imensas, impondo a sua cultura e língua. Nesse sentido, a região das missões possui uma história construída por diferentes etnias indígenas, com padrões culturais e étnicos específicos.

Nesta perspectiva, os diferentes grupos indígenas de caçadores - coletores - pescadores nômades, provavelmente antepassados das etnias históricas: Charrua e Minuana encontradas pelos colonizadores durante o Séc. XVI ocupavam as áreas abertas e frias dos pampas. Enquanto, os horticultores Guarani originários da Amazônia instalaram-se em aldeias em meio às matas subtropicais as margens dos grandes rios, como o rio Uruguai e seus afluentes. Neste contexto, os colonizadores que chegaram a atual região das missões durante o Séc. XVI estabeleceram formas diferenciadas de relações socioculturais com as populações indígenas locais.

Neste breve histórico, observa-se que além do importante patrimônio histórico e missionário, o município de São Borja também possui inúmeros sítios arqueológicos pré-coloniais que devem ser considerados nos debates acadêmicos e almejam por estudos aprofundados representados por prospecções e escavações arqueológicas. Neste caso, objetiva-se realizar pesquisas no interior do município com a participação de estudantes dos cursos de Ciências Humanas, Arqueologia (em avaliação) e Turismo (IFF) visando capacitar os futuros profissionais para contribuir com o desenvolvimento do turismo arqueológico sustentável na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTE DE SAINT-HILARE: 1779-1853. Porto Alegre, Sulina/ARI, 1982.
- ALMEIDA, Maria Geralda Nova “*Marcha para o Oeste*”: Turismo e roteiros para o Brasil Central. Territórios turísticos no Brasil Central. Brasília: LGE, 2009.
- ANGRIZANI, R. C. *Variabilidad, Movilidad y Paisaje: una Propuesta Interpretativa para Los Vestigios de los Asentamientos precoloniales en el noroeste del RS (Brasil)*. Tesis Doctoral en Ciencias Naturales. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Ciencias Naturales y Museo. 2011.
- BISONHIM, KELLY. *Em busca da estrutura sócio-espacial da Redução de San Francisco de Borja: A sobrevivência do patrimônio arqueológico*. Dissertação de Mestrado, 2011.
- BOMBIN, M., BRYAN, A. L. *New perspectives on early man in southwestern Rio Grande do Sul, Brazil*. In: BRYAN, A. L. *Early man in America, from circum-pacific perspective*. Canadá: Department of Anthropology (University of Alberta), v.1, p.301-302. 1978.
- BOMBIN, M. *Modelo Paleoecológico evolutivo para o neoguaternário da região da Campanha-Oeste do Rio Grande do Sul (Brasil) a Formação Touro Passo, seu conteúdo fóssilífero e a pedogênese pós-deposicional*. Comunicações do Museu de Ciências PUCRS. Porto Alegre, v.15, 190p, 1976.
- BROCHADO, José Proenza. *Pesquisas arqueológicas nos Vales do Ijuí e Jacu*. Publicações Avulsas Museu Emílio Goeldi 13:31-62. Belém, 1969.
- CHMYZ, I. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. Manuais de Arqueologia, nº 1. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1966.
- CUSTÓDIO BOLCATO, Luiz A. *Ordenamentos urbanos nas Missões Jesuíticas dos Guarani*. Arqtextos Parte 1, 2017.
- DIAS, A.S. *Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do Pronapa*. Revista do CEPA 23 (29): 25-39. 1995.
- DIAS, A. S. y JACOBUS, A.L 2003. *Quão Antigo é o Povoamento do Sul do Brasil?* Revista do CEPA: 27 (38): 39-67.
- EVANS, C. *Introdução*. En: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do primeiro ano (1965-1966)*, editado por M. Simões, pp: 7-14. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi N. 6, Belém, 1967.
- HILBERT, K. “*Cave canen!*”: cuidado com os “*Pronapianos*”! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 1: 117-130, 2007.
- IBAMA, *Complexo Hidrelétrico Binacional Garabi Panambi*, 2014.
- IPHAN. *Parecer Técnico nº 109/2018.COTEC-IPHAN-RS*. Registro Arqueológico da Redução Jesuítica de San Francisco de Borja e Vistoria Técnica em Obra embargada no Centro de São Borja, 2018.

KERN, Arno Alvarez e JACKSON, Robert. *Missões Ibéricas coloniais: da Califórnia ao Prata*. Porto Alegre: Palier, 2006. 286 p.

KERN, A. A. *Arqueologia Histórica Missioneira*. Porto Alegre:EDIPUCRS, 1998.

KERN, A. A. *Antecedentes Indígenas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1992.

MILDER, S. E. S. *Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/MAE,2000.

MILDER, S. 1995. *Uma breve análise da fase arqueológica Ibicuí*. Revista do CEPA, 19(22): 41-63

_____. *A Fase Ibicuí: uma revisão arqueológica, cronológica e estratigráfica*. (Dissertação de Mestrado). IFCH/PUCRS. 136 p., 1994.

MILLER, E. Th. *Pesquisas Arqueológicas Paleoindígenas no Brasil Ocidental*. Estudos Atacameños, n. 8, (especial) San Pedro de Atacama: Universidad del Norte, p.37-61.1987.

MILLER, E. Th. *Pesquisas arqueológicas efetuadas no oeste do Rio Grande do Sul (Campanha-Missões)*. In: SIMÕES, M. (Ed.). Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do terceiro ano (1967-1968). Belém, Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, 13: 13-30, 1969b.

MINISTÉRIO DO TURISMO / Conselho Nacional de Turismo. *Turismo no Brasil 2007–2010*. Brasília, MTur, 2006.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Arte Bocabulario Tesoro y Catecismo de la lengua Guarani por Antonio Ruiz de Montoya publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann*. Leipzig.1876.

NOGUEIRA, C.R.D & BURKHARD, D. *Políticas Públicas de Turismo para o Desenvolvimento local/regional*. Revista Eletrônica de Turismo Cultura, 2(2) 1-32. 2008.

OMT. *Organização Mundial de Turismo Declaração de ecoturismo de Quebec*. 2002.

OMT. *Guia e desenvolvimento do turismo sustentável*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PINTO, Muriel. *"Primeiro dos Sete Povos das Missões" a "Terra dos Presidentes": uma análise das políticas e das representações do patrimônio na cidade natal de Getúlio Vargas*. Patrimônio e Memória (UNESP), v. 6, p. 261-286, 2010.

PINTO, Muriel; NOGUEIRA, Carmen. R. D. *CONTEXTUALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL DO MUNICÍPIO DE SÃO BORJA/ RS*. Revista de Ciências Humanas (Frederico Westphalen. Impresso), v. 8, p. 8-195, 2007.

QUINTANA, Vanessa, LIMA, Libiane, MILDER, S.E. *Os Cerritos do Banhado do M'Bororé*. Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul, 2006.

SCHIMITZ, P. I. *Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani*. In: Pré- História do Rio Grande do Sul. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 05. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinus, 2006.

SOARES, A. L. R. *Guarani: Organização Social e Arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOUZA, Carolina Guimarães Starling. *O Turismo Arqueológico na Preservação do Patrimônio Cultural: um estudo de caso dos sítios rupestres de Serranópolis-GO*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 2012.

VELOSO, Tânia Porto Guimarães e CAVALCANTI, José Euclides Alhadas. *O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: nº. 20, p. 155-168, 2007.

VIDAL, Pouey Viviane. *La Ocupación Cazadora - Recolectora Durante la Transición Pleistoceno - Holoceno en el Oeste de Rio Grande do Sul-Brasil: Geoarqueologia de los Sítios en la Formación Sedimentaria Touro Passo*. Tese de Doutorado em Arqueologia na UNICEN, Buenos Aires, 2018 (Inédita).

VIDAL, Pouey Viviane. *Projeto Político Pedagógico (PPC) - Curso de Graduação - Bacharelado em Arqueologia*. Universidade do Pampa, Campus São Borja, 2016.

VIDAL, Pouey Viviane. *Os Artefatos de Arremesso dos Campos da América Meridional: Um Estudo de Caso das Boleadeiras*. Dissertação de Mestrado, PUC Porto Alegre, 2009.

WILLEY, G. R. 1971. *An introduction to American archaeology: South America*. Prentice-Hall, Nueva Jersey.

Consulta em Sites:

Fonte de São João Batista. Disponível em: <http://cibersaoborja.blogspot.com>. Acesso em outubro, 2018.

Fonte de São Pedro. <https://www.saoborja.rs.gov.br/index.php/ultimas-noticias/1223-prefeitura-prepara-mobilizacao-para-revitalizar-a-fonte-de-sao-pedro>. Fonte: Decom / Prefeitura de São Borja, 2018. Acesso em outubro, 2018